

O mundo contra o terror

The world against terror

Márcio C. Coimbra*

* Especialista em Direito Internacional.

Resumo

Neste artigo são feitas considerações sobre os atentados de 11/09/01, que atingiram os Estados Unidos de uma forma nunca antes vista. As estratégias utilizadas contra o terrorismo, a questão de liberdade, os reflexos econômicos em curso, são alguns dos temas enfocados neste ensaio que busca a reflexão sobre o mais marcante acontecimento dos últimos tempos.

Palavras-chave: atentado; terrorismo; guerra; cooperação; estratégia.

Abstract

In this article there have been made some considerations about the 09/11/01 terrorist attacks that reached the United States in a way never seen before. The strategies used against terrorism, the question of freedom, the economic consequences in course are some of the subjects focused in this essay that looks for a reflection on the most frightening event of the last times.

Key words: attack; terrorism; war; cooperation; strategy.

“Hoje, numa escala global, a guerra se tornou um luxo acessível apenas às nações pobres”.
Zbigniew Brzezinski

(Extraído do livro “A Antologia do Bom Senso” de Roberto Campos)

O mundo assistiu atônito, em tempo real, no dia 11 de setembro de 2001, o massacre de milhares de pessoas na cidade mais cosmopolita do planeta, Nova York. Insatisfeitos com a magnitude do primeiro ataque, os terroristas ainda atingiram o coração do Estado americano, o Pentágono, localizado na capital da América, Washington D.C. Quatro aviões foram seqüestrados, entretanto, graças aos passageiros do quarto avião, que reagiram contra os terroristas, o último alvo não foi atingido. Como a aeronave estava em rota para a capital americana, acredita-se que o alvo era a Casa Branca ou o Capitólio.

Guiados como mísseis tripulados com centenas de seres humanos, os dois primeiros aviões atingiram o coração do centro financeiro mundial, as torres mais altas de Nova York, o World Trade Center. O alvo foi atingido com uma precisão cirúrgica, pois se encontrava na velocidade exata para se alojar dentro dos edifícios, ou seja, não se encontravam em sua velocidade máxima, mas a cerca de quatrocentos quilômetros por hora. A sua inclinação para colisão foi calculada com extremo cuidado, para que o combustível localizado nas asas dos Boeing fosse amplamente espalhado pelo interior dos prédios. Como resultado, as duas torres

gêmeas, símbolo da cidade de Nova York, desabaram, causando comoção e dor ao redor do mundo.

O terceiro alvo não tardou a ser atingido. O centro de defesa norte-americano foi alvo de um terceiro avião, destruindo uma de suas alas e matando centenas de americanos.

O espaço aéreo americano foi fechado, o presidente foi levado a um lugar seguro, de onde poderia comandar as primeiras ações pós-atentado. Os Estados Unidos e o mundo foram tomados pelo medo. Os grandes aeroportos mundiais, como os da Alemanha, França, Espanha e Rússia começaram a operar em alerta máximo. O espaço aéreo londrino foi fechado.

No início da noite, o presidente norte-americano George W. Bush se dirigiu a sua nação e ao mundo tentando acalmar a população e disse que não faria distinção entre os grupos terroristas e os Estados que dão abrigo aos grupos ligados ao terror. A estratégia silenciosa americana já entrava em curso.

A suspeita sobre a autoria dos atentados residia no terrorista saudita Osama Bin Laden, líder do “Al Qaeda” – a base, com sede no Afeganistão. No dia 7 de outubro, em manifestação veiculada pela televisão do Qatar, Bin Laden classificou os atentados como um ato de Deus

contra o império americano, aprovando os ataques terroristas contra Washington e NYC. O milionário saudita ainda conclamou a nação muçulmana a uma luta contra o imperialismo norte-americano, para que “estes sintam também o tipo de medo que habita o Oriente Médio”. Não havia mais dúvidas sobre a autoria dos crimes cometidos dia 11 de setembro.

Enquanto isso, entre os dias 11 de setembro e 7 de outubro, dia da manifestação de Bin Laden e, coincidentemente, dos primeiros ataques contra as bases terroristas, a equipe de defesa nacional americana trabalhava como nunca.

Tempos atrás, quando da eleição de Bush, escrevi que, ao contrário do que todos pensavam, Bush seria um grande presidente. Esta avaliação residia em uma constatação: Bush tem a principal característica dos grandes líderes, ou seja, o potencial de escolher um grande time de assessores. Seus governos no Texas seguiram desta forma e não seria na Casa Branca que o ex-governador texano faria diferente.

O centro nervoso da equipe de Bush é liderado pela conselheira de Segurança Nacional, Condoleezza Rice, especialista em assuntos e estratégias da guerra fria, especialmente relativos a Rússia e ex-repúblicas da extinta União Soviética. Ao seu lado, encontra-se o ex-secretário de Defesa e atual vice-presidente Dick Cheney, que comandou a ofensiva americana na Guerra do Golfo em 1991. Uma terceira peça do gabinete republicano responde pelo nome de Donald Rumsfeld, secretário de Defesa. Em relação aos assuntos internos, a responsabilidade reside nos ombros do experiente ocupante da pasta do departamento de Justiça, John Ashcroft. Por último, a área das relações internacionais, uma das mais importantes neste conflito, a Secretaria de Estado, já ocupada por pessoas do calibre de Henry Kissinger, ficou a cargo do general Colin Powell.

O secretário de estado americano ficou responsável pela construção de uma grande coalizão internacional que pudesse respaldar uma resposta americana. Obteve um grande sucesso. A Otan invocou seu artigo quinto, que considera o ataque a um de seus membros, um ataque a todos. Logo, os dezenove países que formam a aliança já se encontram alinhados com os EUA. Uma grande e forte aliança está sendo desenvolvida com as nações muçulmanas, com o apoio de importantes órgãos internacionais, como o FMI. Além destes apoios, os EUA contam com dois importantes aliados: Inglaterra e Rússia.

No dia 7 de outubro de 2001, os Estados Unidos iniciaram a ofensiva oficial contra alvos terroristas da organização criminosa Al Qaeda e logísticos da milícia talibã que controla o Afeganistão. Entretanto, a ofensiva contra o terror iniciou no dia 13 de setembro, quando diversos grupos de operações especiais, ingleses e americanos, com a SAS e a Força Delta, desembarcaram em solo afegão. Estes grupos, entre outros, localizam alvos atingidos pelos mísseis aliados.

A coalizão formada pelo secretário Powell encontra diferentes níveis, desde países que não podem assumir claramente uma posição pró-EUA, mas proporcionam apoio, como a Arábia Saudita, como também aqueles

que apresentam cooperação logística, como Paquistão e Uzbequistão, até outros países mais ativos que participam das ofensivas militares, como Inglaterra, Canadá e Otan, que comporta dezenove países.

O objetivo é exterminar o terror do mundo, não importa de que tipo. Prender Bin Laden e destruir a rede terrorista da *Al Qaeda* é somente o início. Outras organizações e outros países que fornecem abrigo a grupos criminosos serão alvos da ofensiva contra o terror. A guerra será longa e a ofensiva militar é apenas parte da estratégia de combate ao terrorismo.

Como disse o líder George W. Bush: “Esta será uma guerra longa e muitas vezes não saberemos das vitórias silenciosas contra o terror”. A senha para derrotar o terrorismo em longo prazo pode ser traduzida por cooperação em inteligência e informação.

Neste ensaio, serão tratados vários aspectos, desde os primeiros minutos após os criminosos ataques contra o mundo em solo americano, passando pelas estratégias silenciosas de contra-ataque aliado, a importância do premiê Tony Blair e pelas lições do ex-primeiro ministro britânico Winston Churchill, que não se deixou seduzir por Hitler. Além disso, importantes abordagens sobre a limitação das liberdades pessoais dentro dos EUA para combater os atos de terror e suas conseqüências, bem como os reflexos econômicos para países emergentes, como o Brasil.

EUA sob Ataque

World Trade Center e Pentágono. Um, o coração do poder econômico, o outro, o coração do poder de defesa estratégica e militar norte-americana. Os Estados Unidos sofreram um golpe profundo em suas instituições. Entretanto, seria errado pensar que somente os Estados Unidos sofreram um golpe. Além dos americanos, o mundo sofreu com a brutalidade dos criminosos atentados terroristas monstruosos deste 11 de setembro. Além de coração financeiro norte-americano, o complexo do WTC, é o centro financeiro mundial. As duas torres de 110 andares, onde trabalhavam 50.000 pessoas de 28 nacionalidades diversas foi o triste palco de um assassinato em massa.

Se os ataques foram uma declaração de guerra, esta não se resume somente aos Estados Unidos, mas a todo mundo. Os principais líderes mundiais condenaram veementemente as brutais agressões ocorridas nas duas principais cidades dos Estados Unidos. Jacques Chirac, presidente francês, classificou os atentados com um ato monstruoso, Vladimir Putin, presidente de outra potência de força atômica, a Rússia, afirmou que os atos bárbaros não podem ficar sem castigo e Gerhard Schröder, chanceler alemão, afirmou que estes atentados criminosos são uma declaração de guerra contra a comunidade internacional.

Mas quem poderia ser o mentor destes atos hediondos contra os americanos e contra a humanidade em extensão? Analisemos os fatos: atentados deste porte somente poderiam ser orquestrados por um grupo grande e organizado, com muito dinheiro e com membros dispostos a dar sua vida por uma suposta causa. Ora, estas não são características das milícias

norte-americanas, ao contrário, tudo indica uma outra conclusão, ou seja, o da organização realizada por grupo ligado ao mundo muçulmano de ala extremista. Dentro desta linha de raciocínio, não há dúvidas quanto ao principal suspeito: o terrorista Osama bin Laden, abrigado no Afeganistão e inimigo número um dos Estados Unidos.

Os Estados Unidos estiveram sob ataque como nunca se havia presenciado. Contudo, é equivocado classificar o sistema americano de defesa como falho. Ora, qualquer nação aberta, democrática e baseada em princípios de liberdade, que tem os EUA como sua principal expressão, está sujeita a este tipo de ataque. Não existe sistema de defesa que possa impedir um terrorista kamikaze fundamentalista tomar o manche de um avião e jogá-lo em um alvo pré-determinado. Temos que concordar que é possível prevenir, mas uma prevenção deste tipo nunca chegará a ser 100% segura. De outro lado, os tristes fatos ocorridos nos EUA corroboram a tese do governo americano republicano de construir um escudo antimísseis, pois se não é possível erradicar de forma completa com a possibilidade de atentados, devemos ao menos diminuir a possibilidade de os mesmos acontecerem. Já sabemos que a ousadia faz parte da cartilha inimiga.

O seqüestro de quatro aviões, que viajavam da costa leste para a oeste, cheios de combustível, em início de voo (o que potencializou as explosões) que resultou no desabamento das torres do WTC e de um prédio vizinho de quarenta e sete andares, além da colisão criminosa de outro avião contra o Pentágono, não pode ficar sem resposta, como afirmou o presidente russo Vladimir Putin. Posiciono-me com a minoria dos articulistas que acredita no potencial do presidente Bush e sua equipe desde as eleições. Pessoas preparadas, como Condolezza Rice, Donald Rumsfeld, Dick Cheney e Colin Powell formam o centro nervoso de toda a operação que já se encontra em curso. Não tenho dúvidas de que os culpados receberão a resposta firme merecida.

De todas as análises que escutei, não ouvi nada mais estúpido do que comentários no sentido que os Estados Unidos mereciam este ataque em função de sua arrogância. Ora, os Estados Unidos são livres, como qualquer nação, para tomar as atitudes que achar melhor para seu povo e nem os mais enfadonhos sentimentos antiamericanos justificam o cometimento de crimes contra humanidade de característica anticivilizatória como os do dia 11 de setembro. Não me abstenho de criticar os EUA quando necessário, mas não tenho vergonha alguma de apoiar os americanos quando é prudente e sensato. Por fim, não são somente os EUA que necessitam de apoio, somos todos nós. O mundo deve vencer o terrorismo.

Uma Aliança Necessária

Ray Downey, bombeiro da cidade de NYC, chefe do comando de operações especiais. Edmund Glazer, 41 anos, executivo-chefe financeiro da MRV Communications Inc, natural da Califórnia. Barbara Olson, 45 anos, advogada e comentarista de TV. Christine Hanson, uma criança de 2 anos, natural de Massachusetts. Eles eram

pais, mães, vizinhos, amigos, filhos, jovens executivos em ascensão em suas carreiras, garçonetes, funcionários públicos, ou melhor, cidadãos que viviam um dia normal. Entretanto, no dia 11 de setembro estas foram algumas das vítimas dos monstruosos ataques terroristas desferidos contra o mundo em solo americano. Além destes americanos, inevitavelmente encontraremos pessoas de inúmeras outras nacionalidades entre as vítimas, já que somente nas duas torres do WTC trabalhavam pessoas de 28 nacionalidades diversas. Se o objetivo era atacar a população dos Estados Unidos, o alvo foi errado, pois não existe cidade mais internacional no mundo do que Nova York.

Não há dúvidas sobre a simbologia do covarde ataque. A agressão terrorista ocorreu contra os centros nervosos de comando financeiro e estratégico norte-americano. Contudo, não poupou os civis e só o tempo será capaz de contabilizar o número total de mortos e feridos. Além de tentar criar um colapso no sistema político-econômico-financeiro do norte da América (os outros alvos eram o Air Force One e a Casa Branca), sabemos que o outro objetivo era causar terror e pânico. Quase todos os alvos terroristas foram atingidos. Entretanto, todo o cuidado é pouco, pois tenho medo que o pesadelo possa ainda não ter terminado.

Agora o mundo volta seus olhos para a Casa Branca e as decisões do National Security Team. O líder palestino Yasser Arafat, com toda a sua história e conhecimento, apareceu consternado em frente às câmeras de TV e logo após foi doar sangue para as vítimas. Arafat, mais do que ninguém, sabe quais podem ser as consequências de um ataque contra os EUA. Arafat parecia perdido, em pânico. O líder palestino sabe que as retaliações podem ser brutais e se mal calculadas podem levar o mundo a um confronto de proporções inimagináveis.

Um confronto nuclear. Este é o grande medo de todos, desde o cidadão comum até os principais líderes do mundo. Retaliar certo, independentemente de quanto tempo isto leve. Esta é a posição de cautela norte-americana. Um movimento vacilante pode desencadear uma reação em cadeia, conclamando toda a nação muçulmana para uma guerra santa, o que poderia espalhar o terror pelo mundo. Vale ressaltar que existem informações acerca do desenvolvimento de inúmeras mini-bombas nucleares em Cabul, Afeganistão, pelo grupo de Osama bin Laden, com vistas a serem espalhadas pelas principais cidades norte-americanas.

No dia 7 de dezembro de 1941, os Estados Unidos haviam sofrido seu mais brutal ataque, onde 353 aviões japoneses mataram 2.390 pessoas. Foi em Pearl Harbor, Havaí. A maior série de atentados da história, inevitavelmente, leva grande parte dos americanos a se recordar do triste ataque sofrido nesta ilha do pacífico. Apesar deste paralelo, a situação atual se mostra com características extremamente diversas. O poder nuclear, o diferencial que venceu a segunda guerra, não é mais uma tecnologia exclusiva dos EUA. Hoje, mais de 40 países são dotados de armas de poder nuclear. Outro diferencial existe no inimigo covarde e oculto, que não tem coragem de aparecer. Se o responsável for um

grupo, existe a possibilidade de declaração de guerra pelos EUA. A revista "The Federalist" invoca um precedente, como a possibilidade de declaração de guerra a grupo ao invés de um país, pois o terceiro presidente, Thomas Jefferson, declarou guerra contra os piratas, na época considerados bandidos sem fronteiras.

A melhor forma de resolver esta situação passa pela cooperação internacional coordenada pelos Estados Unidos, vítima dos ataques. A Otan já demonstrou apoio total. Moscou declarou que está pronta a cooperar com a aliança militar visando ajudar os Estados Unidos. O Presidente Chirac, em entrevista a CNN, apresentou apoio incondicional aos americanos. A ONU se mostra simpática a uma atuação conjunta. Uma grande aliança, até então inimaginável, está se formando. Uma união contra o terrorismo. Rezo para que o bom senso, a inteligência e o espírito de Churchill, Roosevelt e Truman estejam entre nós e nossos líderes.

A Lição de Winston Churchill

Subestimar. Este pode ser um dos maiores defeitos do ser humano e de seus líderes, além de ser a maior armadilha que um líder enfrenta durante um confronto. O resultado do agravamento de inúmeros conflitos que vimos durante a história da humanidade foi um resultado direto de um erro de avaliação, caracterizado preponderantemente por um menosprezo e desdém pelo perfil de um determinado grupo ou líder.

A segunda guerra mundial é um exemplo claro do cometimento deste tipo de erro. Hitler tornou-se chanceler da Alemanha em 1933. Mas 1938 foi o ano do líder nazista. Anexou a Áustria e avançou contra a Tchecoslováquia, que possuía pactos militares com a União Soviética e a França. Seus aliados, no entanto, nada fizeram. Hitler garantiu aos líderes europeus que aquela era a unificação dos povos germânicos em um único império, ou seja, não haveria mais invasões ou anexações. Até este ponto, líderes como o primeiro-ministro britânico Chamberlain, acreditaram que a paz pudesse ser negociada com Hitler, entretanto, uma voz do parlamento inglês já apresentava sua indignação contra os atos da Alemanha. Ele dizia que não poderíamos confiar em Hitler e que seus atos eram um atentado contra a liberdade dos povos europeus. Antevia o risco de tomada de toda a Europa pelos exércitos nazistas. Este senhor atendia pelo nome de Winston Churchill. Ele estava certo. Em 1939, seis meses após, Hitler invadiu Praga e tomou a Tchecoslováquia em sua totalidade, além de parte da Lituânia.

A opinião inglesa em relação à entrada em guerra mudou neste momento. Mas Hitler não parou. Invadiu a Polônia. Logo após, avançou sobre a Dinamarca e a Noruega. A resposta inglesa em defesa destes países foi desastrosa. Já estamos em 1940 e a Inglaterra, percebendo o agravamento da situação, forma um governo de coalizão liderado por Churchill. Enquanto isto, Hitler tomou a Holanda, invadiu a Bélgica e começou o avanço sobre a França. Os alemães e sua máquina de guerra pareciam invencíveis.

No início, Hitler foi subestimado, logo após, temido.

Todavia, o mais importante é observar o fascínio que o líder nazista exercia não somente nos alemães, mas em outros líderes e outros povos. O próprio Lord Halifax – "The Holy Fox", ministro das relações exteriores da Inglaterra, muitas vezes insistiu para uma composição com Hitler via Mussolini, com vistas a salvar a Inglaterra e preservar a paz na Europa. Churchill se posicionava contrariamente a esta atitude. Segundo o primeiro-ministro, este seria um ato de rendição. Curiosamente, enquanto Hitler era visto com certo fascínio, inclusive no Brasil, o presidente americano, Roosevelt, ainda via Churchill com restrições. A Inglaterra parecia estar sozinha. Ainda assim Churchill não se deixou seduzir pelo fascínio barato de Hitler e se mostrou firme em suas convicções de não ceder um centímetro da Inglaterra e da liberdade de seu povo. O mundo demorou em ouvir os avisos de Churchill. Felizmente, o primeiro-ministro britânico, juntamente com os Estados Unidos e União Soviética, conduziram a aliança que acabou com o nazismo e libertou a Europa.

Hoje recebo textos de pessoas comparando Osama Bin Laden a Hitler. O bilionário saudita é um líder sedutor em seus domínios e, até hoje, subestimado fora dele. Sob seu manto reside uma política suja de terror. Estamos, perigosamente, sendo espectadores do crescimento do medo. O terror é um câncer, assim como Hitler. Se não for detido, crescerá até proporções inimagináveis. Devemos aprender com quem não deixou que o mundo caísse nas mãos dos nazistas: Winston Churchill.

O mundo subestimou Hitler. Não é possível subestimar, ser conivente e tolerante com o terror. Não podemos cometer um erro de avaliação novamente. A ação, ao contrário do que se especula, não será somente uma ação militar. Os líderes mundiais estão tomando as decisões corretas, pois nenhuma ação precipitada foi realizada. Tudo está sendo estudado minuciosamente para varrer o terror do mundo. Um combate ativo contra o terrorismo já está em curso. A cooperação internacional, principalmente na área de inteligência, é a senha para acabar com o terror.

Estratégia Silenciosa

O presidente norte-americano George W. Bush enfatizou inúmeras vezes, desde os cruéis atentados contra o mundo localizados em Nova York e Washington, que os Estados Unidos estão em guerra. Guerra contra o terror. O líder americano também afirmou que esta é uma guerra diferente, a primeira do século XXI. Em discurso no Congresso, que uniu democratas e republicanos em uma demonstração de unidade política, confirmou a confiança na vitória contra os terroristas e afirmou que esta será uma guerra longa e muitas vezes não saberemos das vitórias silenciosas contra o terror.

Os Estados Unidos, inteligentemente, estão construindo uma rede mundial contra o terrorismo. O principal aliado americano nesta guerra é a Inglaterra, vítima constante do terror orquestrado principalmente pelo IRA. Outro aliado incondicional dos Estados Unidos é a Espanha, vítima do terror espalhado pelo ETA. Além do apoio destes dois países, Bush recebeu em Washington o apoio do Japão e da França nas visitas de Junishiro

Koizumi e Jacques Chirac, além da União Européia com a visita de Romano Prodi. Entretanto, um dos mais importantes apoios não foi largamente noticiado. É o apoio da Rússia. Vladimir Putin está trabalhando lado a lado com Washington para varrer o terror do mundo.

Estes apoios são fundamentais para o tipo de guerra desenhado pelo gabinete nacional de segurança de Bush. Serão inúmeras batalhas em diversas frentes e, ao contrário do que muitos pensam, elas começaram antes dos ataques contra alvos específicos da milícia talibã e do *Al Qaeda*.

A especulação sobre um forte bombardeio em Cabul e no resto do Afeganistão foi constante, já que a mídia noticiou incansavelmente o deslocamento das forças militares americanas e inglesas para posições estratégicas entre o Oriente Médio e a Ásia. O objetivo era atingir alvos específicos. Ora, se os Estados Unidos fossem "invadir" o território afegão estas manobras não seriam noticiadas. Seria no mínimo ingênuo acreditar que uma invasão deste porte seria anunciada. Estes movimentos militares alcançaram os dois principais objetivos: uma forte pressão psicológica nos líderes terroristas e o deslocamento da atenção da mídia para estas manobras.

Enquanto todos estavam ocupados com a invasão do Afeganistão, uma outra frente contra o terror já estava em pleno funcionamento ao redor do mundo: os serviços de inteligência dos diversos países que estão cooperando com os Estados Unidos. São, principalmente, os serviços secretos dos EUA, Inglaterra, Espanha, Rússia, Itália, Alemanha, Holanda, França, Japão e Israel. De outro lado, o G-7 está auxiliando no bloqueio de contas relacionadas ao terror por todo o mundo, inclusive na Suíça, com o apoio de seu governo. Uma outra frente é composta por bloqueios e sanções econômicas para aqueles países que abrigam ou são coniventes com o terrorismo, além da queda das mesmas para os países que se alinharem no combate de grupos que promovem o terror.

É de extrema importância frisar que esta não é uma guerra do ocidente contra o oriente. É uma luta do mundo contra o terrorismo. O Islamismo é pacífico. O mundo muçulmano moderado está apoiando as ações aliadas, pois sabem que serão os grandes beneficiários da vitória contra o medo. Da mesma forma, esta é a grande possibilidade de atingir os pontos nevrálgicos de grupos como ETA e IRA. A ação internacional deve prender os responsáveis pelo terror em sua mais ampla forma, desde Osama Bin Laden e os mandatários de nações que dão abrigo ao terror até os líderes de grupos extremistas que exercem a proliferação do medo no mundo. Estes devem ser encaminhados para a justiça em Tribunais *Ad hoc*, juntando-se ao ex-ditador Milosevic.

A ação contra o terrorismo está sendo ampla, maior do que se imagina, pois o objetivo é extirpar o terror do mundo. A operação militar é apenas uma parte da estratégia. Já existe uma cooperação efetiva entre diversas nações na caça daqueles que vem espalhando o medo no planeta. Com sistemas de inteligência integrados, além das forças especiais militares, é possível detectar a posição dos líderes e dos locais de

produção e armazenamento de armamento clandestino, inclusive nuclear, ao redor do mundo. A estrutura usada pelos grupos terroristas será quebrada, pois a cooperação é multilateral, em áreas pontuais. A caça ao terror já começou. Termina esta seção com as palavras do líder George W. Bush: "Esta será uma guerra longa e muitas vezes não saberemos das vitórias silenciosas contra o terror".

A Liberdade na América

"Nós o povo dos Estados Unidos, a fim de formar a mais perfeita União, estabelecer a Justiça, assegurar Tranquilidade doméstica, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral e assegurar a Benção da Liberdade para nós mesmos e nossa Posteridade, determinamos e estabelecemos esta Constituição para os Estados Unidos da América". Este é o preâmbulo da Constituição dos Estados Unidos da América, assinada na Filadélfia em 17 de setembro de 1787. Naquele momento nascia a federação de uma nação baseada nos valores da democracia e da liberdade. Hoje, depois de mais de 200 anos de aplicação destes valores, os EUA vivem um dilema: o da limitação das liberdades individuais como forma de se proteger do terrorismo.

Voltemos no tempo. Os Estados Unidos foi um país construído por imigrantes. Estas pessoas deixaram principalmente a Inglaterra e a Irlanda com o objetivo de viver em um local livre de perseguições políticas ou religiosas, onde o Estado não tivesse o poder de retirar suas liberdades. Desta forma foram sendo construídas as treze colônias iniciais. Logo, quando os "Founding Fathers" surgiram com a idéia de unificação das treze colônias, as resistências foram enormes, pois o povo tinha receio de delegar poderes a uma federação que pudesse retirar suas liberdades futuramente. Desta forma foi tomando corpo a noção americana de Estado, procurando limitar os poderes dos governos, bem definidos por Thomas Paine, em sua obra publicada em 1776, intitulada "O Senso Comum":

"O governo, mesmo nas melhores condições, é um mal necessário; [...] também aqui se vê o propósito e a finalidade do governo, a saber: liberdade e segurança."

Portanto, na sua visão, a função do Estado era garantir princípios básicos: o direito a vida, a propriedade e o cumprimento do Estado de Direito.

Então, com extrema habilidade, foi constituída a federação norte-americana. A principal característica desta nova união entre estados que se formava na América era o seu poder limitado. O povo aparecia como figura soberana e o Estado aparecia em sua forma mínima, uma inovação para aqueles anos. A forma de amadurecimento deste sistema era formado pela aplicação plena dos valores democráticos, baseados na Constituição, que encontrava a liberdade como seu traço fundamental, como observou Alexis de Tocqueville no seu livro "A Democracia na América".

Entretanto, o mais brutal atentado terrorista da história, em 11 de setembro, fez uso do maior valor americano, a liberdade, consolidada por George Washington 200 anos antes e maior pilar da sociedade norte-americana, para assassinar pessoas de dezenas de nacionalidades diferentes.

Hoje o governo americano está tomando decisões que nenhum governante daquele país gostaria de tomar: a diminuição das liberdades individuais com vistas a proteger a sociedade de novas atrocidades terroristas. Não existe nada mais doloroso para a sociedade americana do que ver tolhidos, mesmo que momentaneamente, os princípios e valores que guiaram o país desde sua fundação.

Vejamos o preâmbulo da constituição americana. Lá encontramos os fundamentos da federação, como assegurar a Benção da Liberdade e Tranquilidade doméstica, além de estabelecer a justiça. Estes são os valores que estão sendo trabalhados pela equipe do presidente Bush. Até onde é possível estabelecer a tranquilidade e justiça sem afetar a benção da liberdade?

A melhor mensagem que o governo dos EUA pode passar ao seu povo é mostrar que os valores que guiaram os Estados Unidos não se modificarão e que a liberdade continua sendo a pedra fundamental de uma sociedade democrática. Neste momento, lembro das sábias palavras de Thomas Jefferson: "O preço da liberdade é a eterna vigilância".

O Diplomata Blair

O Embaixador Roberto Campos costumava dizer que a diplomacia é a arte de ver 'antes', não necessariamente de ver 'mais'. E nunca ver 'demais'. Os últimos acontecimentos mostram que o primeiro-ministro Tony Blair possui a preciosa qualidade da inteligência diplomática. Em virtude desta, o premiê britânico está posicionando a Inglaterra como a principal articuladora internacional na ofensiva aliada contra o terrorismo. Blair está expandindo sua liderança além dos limites do Reino Unido.

Logo após aos cruéis ataques contra o mundo em solo americano, no dia 11 de setembro, as primeiras palavras de solidariedade e alinhamento com os Estados Unidos vieram do Reino Unido. O reconhecimento americano veio nas palavras do presidente Bush quando discursava no Capitólio, dirigindo-se a Blair e agradecendo o apoio do povo britânico, representados ali por um verdadeiro amigo. Naquele momento, o mundo assistia a consolidação formal da aliança entre dois povos irmãos, de mesma origem. Um momento para ficar na história.

O Primeiro-Ministro deixou Washington com uma missão clara: a articulação de uma grande rede de cooperação internacional contra o terrorismo. Obteve sucesso na Europa. Jack Straw, ministro das Relações Exteriores inglês, conseguiu formar a coalizão necessária dentro da Otan. Com tarefas estabelecidas, Washington e Londres costuraram a coalizão e o respaldo necessário para iniciar a ofensiva militar em alvos logísticos do Afeganistão com o intuito de neutralizar o poder armado do Taleban. Contudo, a parte mais delicada da operação ainda estava por vir. Era preciso acalmar os ânimos dos países vizinhos de origem muçulmana.

Então, Blair se dirigiu ao Sultanato de Omã, Paquistão, Rússia, Índia, Egito, concedeu entrevistas para canais de televisão locais, especialmente para a

emissora Al Jazira do Qatar. No retorno a Londres recebeu Yasser Arafat e o rei da Jordânia, Abdulla II. O premiê britânico asfaltou a estrada por onde passa Colin Powell, secretário de Estado norte-americano, com vistas a consolidar o apoio dos grupos moderados à ofensiva aliada multilateral, isolando os grupos extremistas.

A conversa com Arafat na Downing Street nº10 foi histórico. Logo após ao 11º encontro do premiê inglês com o líder da Autoridade Palestina durante seus 5 anos como chefe de governo, a Inglaterra declarou apoio à constituição do Estado Palestino. Mostrando total sintonia, Washington, do outro lado do Oceano Atlântico fazia a mesma declaração.

Tony Blair e a Grã-Bretanha conhecem muito bem os horrores do terrorismo. Londres já sofreu inúmeras vezes com a violência orquestrada pelo grupo terrorista IRA (exército republicano irlandês). A história mostra que o atual gabinete inglês tem buscado incansavelmente uma solução para o conflito entre católicos e protestantes na Irlanda.

O alinhamento entre Londres e Washington não é uma surpresa. Os ingleses e americanos têm muito em comum. Além da mesma origem, os laços econômicos e políticos que ligam os dois países são muito fortes. Além de os ingleses ainda se lembrarem da ajuda fundamental fornecida pelos americanos durante a segunda guerra mundial, evitando que o poder nazista dominasse Londres e conquistasse a Europa, Blair sabe que o mal deve ser exterminado quando ainda encontra-se em estágio inicial. Foi a inércia em deter Hitler que deixou o nazismo se expandir. EUA e Reino Unido sabem que quando se tornam aliados sua força aumenta. Blair percebeu isto, e apesar de possuir diferenças quanto algumas posições republicanas, deixou-as de lado e alinhou-se com o Bush, pois os laços que unem os dois países são mais fortes do que qualquer governo. A diferença do grande estadista se encontra nestes pequenos detalhes. Blair, com a aprovação de 88% dos britânicos, uma popularidade comparável a de Churchill, sabe disto e trouxe Londres para centro das decisões mundiais novamente.

Reflexos Econômicos

A economia mundial vinha em desaceleração até o dia 11 de setembro. Os Estados Unidos, propulsor econômico do planeta, estava prestes a levantar vôo novamente. Entretanto, os brutais crimes contra a humanidade cometidos pelo grupo terrorista de Osama Bin Laden reverteram à expectativa de mudança no quadro econômico.

Como responderá a economia mundial após a tragédia? O terrorismo visou atingir pontos extremamente importantes à economia mundial. O mundo já acompanhava a desaceleração européia, o início da americana e a agonia vivida pela economia japonesa. Apesar de os ataques terroristas tentarem criar uma situação de instabilidade política/econômica/financeira, o mais inteligente será mostrar que o sistema econômico mundial assimilará a perda, mas não se intimidará, continuando a trabalhar e gerar riquezas.

O presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, já vinha diminuindo a taxa de juros norte-americana nos últimos meses. O corte nos juros visava estimular o consumo. O FED iniciou esta política em meados de janeiro e os seus resultados seriam obtidos cerca de nove meses após, ou seja, exatamente no mês dos ataques ao WTC e Pentágono. O reaquecimento da economia americana pode ter sido adiado.

A retomada do aquecimento econômico dos EUA vai depender muito dos contra-ataques contra o terror e como os grupos terroristas irão reagir à resposta aliada. É certo que novos atentados em território americano podem afetar a economia da pior forma possível. Portanto, a missão do governo e do Estado norte-americano é criar condições de segurança interna para que a população volte a consumir, reaquecendo a economia e afastando o perigo de recessão.

Se de um lado o governo Bush está trabalhando para criar condições de segurança para que a vida cotidiana da América não se altere, do outro, Alan Greenspan emite sinais que levam para o mesmo caminho, pois logo após os atentados o FED baixou os juros mais uma vez. É a política, a diplomacia e a economia caminhando de mãos dadas para vencer a possibilidade de recessão.

Todos os países do mundo esperam uma rápida recuperação da economia americana frente aos ataques de setembro, pois como já foi dito aqui, os Estados Unidos são o propulsor econômico do planeta e uma crise interna pode facilmente se espalhar pelas diversas economias do globo.

De qualquer forma, o mundo não pode subestimar a autoconfiança e a auto-estima norte-americana. As demonstrações de patriotismo após os ataques são a prova de que a população americana está mobilizada em todos os sentidos, inclusive para mostrar que o centro financeiro global continua sendo os Estados Unidos.

Entre os países emergentes, o Brasil se encontra em posição privilegiada, pois se afasta geograficamente dos locais de conflito, ao contrário da China, Rússia ou Índia. Logo, provavelmente não sofrerá os reflexos políticos do confronto. Desta forma, entre os emergentes, acaba por se destacar positivamente para atrair capitais neste momento de crise.

Contra-Ataque

Apesar de a mobilização contra o terror ter iniciado no dia 13 de setembro com o envio de forças especiais para o território afegão, o dia 7 de outubro ficará marcado como a data do início da ofensiva aliada contra o terror. Logo após os atentados contra o WTC e o Pentágono, os Estados Unidos enviaram para o Afeganistão agentes das unidades especiais Boínas Verdes (exército), Seal (marinha) e a força especial Delta. O Reino Unido enviou agentes da unidade especial da força aérea, intitulada Serviços Aéreos Especiais (SAS). Estas unidades especiais estão caçando o grupo de Osama Bin Laden no território afegão com o intuito de capturar seus líderes. Além disto, os grupos realizam o mapeamento de possíveis alvos, como áreas de construção de

bombas e bunkers. Entretanto, esta é apenas uma das frentes contra o terror.

Se alguém tinha alguma dúvida sobre a autoria dos massacres do dia 11 de setembro, ela se dissipou no domingo, 7 de outubro, quando Bin Laden fez um pronunciamento via rede de TV do Qatar em que aprovava os atos terroristas contra os Estados Unidos, tentando impor uma política de medo, que consiste em ameaças de novos ataques em solo americano e conclamando o povo muçulmano a lutar contra os Estados Unidos e seus aliados. Além disto, Bin Laden usou de forma leviana a causa palestina como o motivo da ira muçulmana contra os americanos. O líder do Al Qaeda errou. Logo após seu pronunciamento, o Ministro de Informações palestino alegou que não deseja o apoio de Bin Laden e que a solução para causa palestina não será encontrada via seus atos de terror.

A ofensiva aliada contra alvos estratégicos no Afeganistão já era esperada. Enquanto os Estados Unidos costumavam uma grande aliança antiterror, os serviços de inteligência estavam trabalhando no intuito de fazer um exato mapeamento dos locais de ataque. O presidente Bush somente autorizou a ofensiva militar após os Estados Unidos apresentarem provas irrefutáveis da autoria dos atentados e receberem amplo apoio internacional. Rússia, França, países da Commonwealth, Espanha, Itália, Alemanha, Japão e até a Líbia, por intermédio do ditador Kadafi, apoiaram e avalizaram o ataque.

Caberá aos Estados Unidos um extremo cuidado nos ataques que seguirão. A ofensiva militar lançada sobre os patrocinadores do terrorismo não se resumirá ao Afeganistão. Além deste, outros países abrigam e fornecem suporte para grupos terroristas. O cuidado americano deve residir no fato de tratar a questão com extrema atenção, pois um movimento vacilante pode desencadear uma guerra santa de proporções inimagináveis. Os aliados devem atacar as bases terroristas, bem como responder aqueles países que fornecem abrigo e estrutura para o desenvolvimento do terror; contudo, uma grande aliança com a participação de diferentes países muçulmanos deve ser formada, pois a ajuda do povo muçulmano é imprescindível para vencer o pesadelo do terrorismo. O Islã prega a paz e a harmonia, o mesmo que deseja a nação muçulmana. Logo, a sua ajuda é um dos grandes trunfos para vencer esta guerra. O Paquistão, entendendo esta necessidade, já está auxiliando aqueles que combatem o terrorismo com apoio logístico, de inteligência e liberação de seu espaço aéreo.

Considerações Finais

Os Estados Unidos agiram da forma correta. Não realizaram ações precipitadas e criaram uma forte coalizão com a expressiva ajuda do premiê britânico Tony Blair para combater e responder ao terrorismo.

Vale lembrar que o mundo finalmente percebeu o perigo dos crescentes grupos terroristas que habitam o planeta. Não há dúvidas de que chegou a hora de extirpar o terror do mundo. Uma coalizão internacional liderada pela maior vítima dos recentes ataques, os

Estados Unidos, já foi formada e está cooperando em diversas áreas, de forma incansável para vencer esta guerra. Este novo tipo de confronto inaugura também um novo tipo de ofensiva. As ações se tornam multilaterais, concomitantemente em diversas áreas e o confronto bélico é apenas uma fração de uma grande operação. Cooperação econômica e financeira para caçar o dinheiro que financia o terrorismo, cooperação de forças especiais para localizar terroristas e seus esconderijos,

cooperação entre os diversos sistemas de inteligência e serviços de informação para evitar novos atentados e caçar as células terroristas ao redor do mundo, cooperação militar para extirpar os núcleos de produção de bombas e treinamentos de terroristas, além de inúmeros outros. Esta é uma nova guerra, e desta forma, necessita de novas estratégias. O confronto será longo, e como disse o líder Bush: muitas vezes não saberemos das vitórias silenciosas contra o terror.

Este ensaio é dedicado a memória de um homem que achou no liberalismo uma razão de viver e faleceu na noite de conclusão deste texto: Embaixador Roberto Campos.